

## FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PROFESSORAL DOCENTE

Autor<sup>1</sup>, *Cleoni Maria Barboza Fernandes*

Autor<sup>2</sup>, *Raquel da Costa Rosa*

### RESUMO:

O presente artigo visa a reflexão sobre a formação e valorização do professoral docente na sociedade. Assim como, no decorrer do texto, se faz uma discussão acerca dos anseios dos alunos, futuros professores. Ainda transita no tema da valorização desse profissional, e como este é importante para a construção de cidadãos reflexivos. Ao final da escrita, se faz considerações sobre o professoral docente e sua suma importância na sociedade.

**Palavras-chave:** Formação, Valorização, Docente, Reflexão

## 1. INTRODUÇÃO

Acreditamos que a educação é o caminho para a construção de uma sociedade justa e igualitária, a qual muitos de nós sonhamos. Para isto acontecer, é necessário percorrer um caminho árduo, que às vezes é diferente do imaginado, essa construção é constante.

Para Flores (2010) “Os alunos futuros professores/as entram nos programas de formação inicial de professores à espera que lhes digam como devem ensinar”. Entretanto, para aprender e ensinar não existe fórmula mágica, pois é um processo, que exige esforço e dedicação. Em consonância, Freire (2014) diz que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. E para Flores, (2010) ensinar implica a “aquisição de destrezas e de conhecimentos técnicos”

Assim sendo, é durante a graduação que ocorre a transformação, de discente para docente, que segundo Flores (2010) é quando se forma uma nova identidade, que exige um novo papel institucional, onde será necessário, preparo, compromisso; envolvimento e responsabilidade. Para Nóvoa (2006) “é fundamental consolidar as bases de uma formação que tenha como referência lógica de acompanhamento, de formação-em-situação, de análise da prática e de integração na cultura profissional docente”. Ainda para tal autor,

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista a construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA,1992, p. 25).

Considerando que os autores estão relatando de uma articulação entre teoria e prática, que desenvolveria, habilidades e competências necessárias para uma formação sólida dos candidatos a docência. É possível, analisar que elas não são trabalhadas durante a graduação, provavelmente por causa do currículo e a dicotomia entre teoria e prática, pois, eles servem de obstáculos para uma formação mais centrada no desenvolvimento profissional dos futuros professores/as conforme explica Flores (2010) existe a necessidade de “uma abordagem interdisciplinar do currículo e ao divórcio entre Universidade e escolas no que diz respeito a filosofia da formação”, embora, a mesma autora também relata, que além disto, também é essencial que os pretendentes a docência entendam que não existem receitas prontas que desenvolvam tais habilidades e competências.

Foi pensando neste contexto que o trabalho possui o objetivo de falar sobre “Formação de professores/as”. E para Facin (2017) a vida diária dos professores precisa ser satisfatória no que diz respeito às suas práticas educativas, e para isso, muitos elementos servem como requisitos básicos para o êxito na sua atividade pedagógica, por exemplo, formação específica, experiência, dedicação, conhecimento em relação aos processos de ensino e aprendizagem.

## 2. O docente: formação e valorização:

1

Durante os últimos anos, o professor/a tem sido valorizado muito mais, não tanto como gostaríamos, mas realmente há uma valorização maior, passamos de uma formação quase elementar, de uma formação inicial a uma

1 Possui graduação em Pedagogia pela UCPel (1973) e doutorado em Educação pela UFRGS (1999). Professora convidada do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - ISUL Campus Pelotas. [cleofernandes@terra.com.br](mailto:cleofernandes@terra.com.br), <http://lattes.cnpq.br/0233489763906464>

2 Graduada em Pedagogia pela ULBRA (2009), Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Dom Bosco - Instituto Educar Brasil(2014), Pós Graduada em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica – Faculdade Favoni (2021), Mestranda Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - ISUL Campus Pelotas. [rakeldacostarosa@gmail.com](mailto:rakeldacostarosa@gmail.com), <http://lattes.cnpq.br/4716763910946838>

formação universitária. Isto é importante, porque há alguns anos das poucas profissões que havia no mundo social, os professores/as eram os únicos que não tinham uma titulação universitária, é importante mas não o suficiente, Nóvoa relata que:

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão (NÓVOA, 2009, p. 30)

Para valorizar a profissão docente temos que mudar também a metodologia, a forma de ensinar que as Universidades dão aos futuros professores e também a formação continuada, como se formam os professores ao longo da vida. Segundo Nóvoa:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista a construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p. 25).

Os cursos de formação dos professores/as precisam estar atrelados às exigências da sociedade, ou seja, é necessário compreender que cada momento sócio-histórico exige uma reciclagem na forma de ensinar seus alunos, conforme explica Cunha (1989) “pois compreender que o conteúdo da formação não se constitui num constructo estático e permanente, depende substancialmente da finalidade para a qual se destina, sendo sua eficácia atrelada ao alcance dos objetivos propostos”.

O conhecimento científico tem avançado muito, temos que ter, então, professores predispostos a aprender durante toda vida, para assim mudar constantemente os conhecimentos científicos para demonstrar a sociedade que são profissionais da educação que conhecem como educar as crianças, que tipo de ensino a fazer, como trabalhar currículo nas escolas e depois isso corresponde a uma valorização que deveria corresponder a situação de trabalho.

Em alguns países, o professor não tem uma situação de trabalho adequada, a nível salarial, de carreira docente, e hoje também é importante lutar para que os professores tenham um salário que os permita a viver corretamente uma situação laboral de Escolas bem dotadas para que eles possam se desenvolver. Mencionamos que, a valorização social é um conjunto de elementos que passam não somente pela formação, mas pelas condições laborais. O ingresso na docência, os países que estão melhores situados, são países que possuem uma boa seleção de docentes, as vezes pensamos que qualquer um pode ser docente, quando não é verdade. O corpo docente lamentavelmente ainda está muito feminilizado, se pensar socioeconomicamente, está feminilizado porque se constitui de uma profissão de segunda ordem, de apoio à casa, ao salário do marido, do companheiro, e isto não deve existir. Hypolito (1994, p. 82) diz:

o processo de feminização do magistério é um processo que coincide com o processo de transformação do trabalho docente em trabalho assalariado, controlado pelo Estado, submetido a formas de controle externas ao próprio processo de trabalho, retirando das professoras formas autônomas de controle sobre o quê e como ensinar. O processo de racionalização e parcelamento do trabalho docente é simultâneo à transformação desse trabalho em trabalho feminino.

No século XXI, a pessoa que se dedica a ensinar deve ser uma pessoa qualificada com empenho nos estudos, se queremos valorizar os docentes, a carreira do professor/a não acaba na universidade, inicia nesta, é um caminho grande que vai levar a muitos quilômetros. É importante o acesso ao seguimento no que se chama indução a docência, a entrada profissional a Escola. Não tem intercâmbio entre universidade, conhecimento universitário e o conhecimento prático.

É valioso ter mentores na universidade, tutores/as nas Escolas que colaboram com a universidade para continuar trabalhando na prática, é necessário que reconheçam suas práticas, avaliando constantemente e façam um esforço, hoje ensinar é muito mais complexo que há trinta anos, que para ser professor não era necessário ter muito conhecimento, antes se dizia: entra na universidade se forma como docente e trabalha como docente. Agora, já se estuda para docente, e continua estudando para docência, isso dá elementos para que a sociedade pouco a pouco reconheça o trabalho docente, é uma mudança gradual. Segundo Freire (2002), o homem é um ser inconcluso e deve ser consciente de sua não conclusão, através do movimento permanente de ser mais:

A educação é permanente não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de uma lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo falto de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (FREIRE, 1997 p. 20).

Para Flores (2010) um dos problemas que impedem estas conexões é que “há uma visão fragmentada na formação do professorado, que escolas e universidades estão em mundos separados pela dicotomia teoria/prática”. Mas, para



Nóvoa (2006) “a verdade é que não houve uma reflexão que permitisse transformar a prática em conhecimento”. É comum os futuros professores não se sentirem preparados para enfrentar as realidades das escolas e da sala de aula, e buscam soluções na sua experiência como alunos.

Os docentes são protagonistas, são eles que, a partir do conhecimento diário com o educando, do que ensinam e sabem mais, além disso alguns professores/as, podem ter um conhecimento comum, de qualquer forma, esse conhecimento, de senso comum também é científico, de acordo com Freire,

(...) é fundamental que, na prática da formação docente o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente de deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o processo formador (FREIRE, 2002, p. 43)

Esse protagonismo indica dar identidade aos docentes e considerá-los, dizer que são os mais importantes no país. Se um país não investe em Educação, pesquisa e desenvolvimento, é um país que tem a vocação de depender de outros países, não gerará pesquisas, como países conscientes que são a maioria dos países avançados, professor sem convicção, conseqüentemente, sem credibilidade da família resulta em um país que não crê que o ensino pode garantir o futuro. É certo, que quanto mais tiver desigualdade, os filhos dos mais poderosos poderão levar seus filhos para Escola privada e deixarão a pública para os mais pobres. Isso não corresponde a um país democrático. Os governos têm o dever de potencializar a Escola pública como uma escola de todos e diminuir a desigualdade.

Em alguns países europeus, se vislumbram iniciativas políticas que visam construir novas maneiras de formação dos professores, que se dividem em três etapas: primeira: a licenciatura numa determinada disciplina científica; segunda: o mestrado em ensino, com um forte referencial didático, pedagógico e profissional e terceiro: um período probatório, de indução profissional. E para a entrada na profissão é preciso possuir mestrado (NÓVOA, 2006).

No Brasil, o censo Escolar de 2014 indicava que 2,2 milhões de docentes em atuação no país 24% não apresenta a formação adequada. Todos esses fatores quando somados indicam a importância da questão da formação de professores de educação básica frente aos desafios impostos pelas constantes transformações políticas, econômicas e sociais nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, Nóvoa (2006) diz que é devido a formação de professores continuar a ser dominada mais por referências externas do que referências internas ao trabalho docente. Impõe-se inverter esta longa tradição, e instituir as práticas profissionais como lugar de reflexão e de formação.

Neste contexto podemos perceber, que não há separação entre a pessoa e o professor, ou seja, “que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor e que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais” (NÓVOA, 2006).

A partir do exposto no texto, deve-se compreender que a formação do professorado é o alicerce, pois ela precisa dar base estrutural que favorece ao professor(a) seu desenvolvimento profissional, sendo este, um cidadão de extrema importância, por isso é necessário que seja valorizado, dando condições para que eduquem melhor as crianças e jovens que serão o futuro do país. Diante disso, é necessário entender que tal assunto não se esgota, devendo ser debatido constantemente.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental considerar que o processo de formação do professorado possui o resultado e o compromisso de cada professor/a com seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional. Diante destas proposições fica evidente, que o processo de formação de professores/as é algo complexo e multidimensional.

Neste sentido, é importante que os futuros professores/as façam uma análise reflexiva sobre o seu processo formativo, tentem buscar um novo olhar, menos racional de ensinar e ter uma consciência mais humana, ou seja, uma identidade enquanto professor/a.

E que durante a transição entre aluno/a para professor/a como explica Nóvoa (2006) “é fundamental consolidar as bases de uma formação que tenha como referência lógica de acompanhamentos, de formação-em-situação, de análise da prática e de integração na cultura profissional docente”.

Se queremos crianças e jovens democráticas, com pensamento crítico, solidária e que respeitem o meio ambiente, é preciso que comunidade, sociedade e escola trabalhem conjuntamente defendendo valores que beneficiem para uma educação crítica, reflexiva e de qualidade.

CUNHA, Maria Izabel. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1989.

FACIN, Elson Cesar. Reflexões sobre os modelos epistemológicos e pedagógicos de um grupo de educadores. **Criar Educação**, Criciúma, v. 6, nº1, janeiro/junho 2017.– PPGE – UNESC. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1648/3239>> Acesso em: maio /2023.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido: Saberes necessários às práticas educativas.** 39.ed. *São Paulo: Paz e Terra, 2009*

FREIRE, P. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 28. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

FLORES, Maria Assunção. **Algumas reflexões em torno da formação inicial dos professores.** *Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 182-188, set./dez.2010.* Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8074>> Acesso em: maio/ 2023.

HYPOLITO, Álvaro Luiz Moreira. **Processo de Trabalho Docente: uma análise a partir das relações de classe e de gênero.** Tese de Mestrado. FaE/UFMG.1994.

NÓVOA, Antônio, **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.** 2006. Disponível em:<[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)> Acesso em: maio /2023.

NÓVOA, Antônio.Sampaio da. **Professores: Imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009. *Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e201844002003, 2018.* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e201844002003.pdf>> Acesso em: maio/20213